



Veterinária Atual

Mensal / nº 82 / ABRIL 2015 / 5€ (Continente)
Revista profissional de medicina veterinária

Medicina dentária veterinária: a nova tendência

- A formação
- Os tratamentos
- Os novos produtos

• Fomos conhecer o Centro de Reabilitação Animal da Arrábida

• Reportagem do IV Congresso SPCAV



Centro de Reabilitação Animal da Arrábida (CRAA)

Reabilitar para uma vida com mais qualidade

Abriu recentemente, mas já é considerado uma referência no setor. Localizado em Vila Nogueira de Azeitão, o CRAA distingue-se pela equipa jovem e especializada na área de reabilitação funcional, pela formação profissional reconhecida a nível internacional e por terapias e técnicas inovadoras.

Cláudia Pinto

Texto:
Fotos: Eduardo Martins

No passado mês de março foi inaugurado o Centro de Reabilitação Animal da Arrábida (CRAA), um projeto que surgiu da necessidade que a sua diretora clínica Ângela Martins (que ocupa o mesmo cargo no Hospital Veterinário da Arrábida - HVA), e a sua equipa sentiram entre 2010 e 2011, após vários anos de prática clínica na área. Como já acompanhavam um número suficiente de animais no HVA, chegou o momento de pensar num espaço específico para a especialidade. Foi então que começaram as obras numa construção "lenta", mas muito ponderada. "Tínhamos de ter a certeza que o Centro seria mesmo como idealizámos tendo em conta o bem-estar dos pacientes e a nossa evolução enquanto profissionais. Tudo indicava que sim e que este era o investimento correto", explica a diretora clínica. A experiência alcançada ao longo dos anos foi também decisiva. Dois membros da equipa tiraram o *Certified Canine Rehabilitation Practitioner* na Universidade de Tennessee, seguindo depois para os EUA realizando diversos contactos e formações específicas na área da Medicina Desportiva e da Reabilitação Funcional. "Estivemos em algumas formações nos Estados Unidos para aprender, evoluir e concretizar em Portugal", explica Ângela Martins.

A equipa é composta por 16 profissionais (seis médicos veterinários, cinco enfermeiros, três estagiários de Medicina Veterinária, um auxiliar de veterinária e um administrativo) e é mista entre o HVA e o CRAA, embora alguns dos membros trabalhem única e exclusivamente no Centro. "É uma equipa jovem porque, embora a fisioterapia

seja uma área da Medicina que já existe há muito tempo, a reabilitação é um conceito relativamente novo. Como também sou docente, pretendo ficar com todos os estágios curriculares que tenha capacidade para que estes jovens tenham uma formação específica", explica a diretora clínica.

O conceito de reabilitação funcional tem cerca de três anos. "A fisioterapia tem como objetivo reabilitar no sentido de colocar a funcionar corretamente e a reabilitação é um conceito utilizado para sustentar os animais e promover uma vida mais longa e com maior qualidade de vida. A reabilitação funcional, por sua vez, introduz o manejo da dor e a gestão do desconforto", acrescenta. 80% dos pacientes acompanhados no CRAA são geriátricos e muitos são oncológicos, o que exige por parte dos profissionais um conhecimento lato de Medicina. "Um profissional de Medicina Veterinária não consegue reabilitar se não tiver conceitos ortopédicos, neurológicos, de Medicina Interna e até oncológicos. Por outro lado, quem faz urgências tem de ter conhecimento das várias especialidades e de saber um pouco de tudo", alerta Ângela Martins.

Trabalhar em reabilitação não é tarefa fácil, pelo que a diretora clínica do CRAA escolhe pessoas com "um carácter diferente". Esta especialidade implica "limpar muito, ter paciência e dar muito carinho aos animais. Tem de se gostar mesmo da reabilitação, ou seja, de dar vida e força a quem está diminuído". Neste Centro existem mais cães em tratamento do que gatos. "Embora a Medicina Felina esteja em crescimento, o investimento de um felino na reabilitação nunca será o



“reabilitar implica perder muitas horas a estudar, a comparar casos clínicos, a praticar e todos os dias se descobre que não se sabe”, Ângela Martins

mesmo do que para um canídeo. Os gatos são mais politraumatizados e alguns deles são o que chamamos de 'paraquedistas', mas também se reabilitam a eles mesmos com muito mais facilidade do que os cães. Os gatos têm mais fibras musculares de tipo II (velocidade), o que significa que rapidamente se reabilitam por eles próprios. Por outro lado, são mais leves e os problemas ortopédicos não são tão limitativos como nos canídeos”, salienta Ângela Martins.

Aspetos diferenciadores

Ao entrarmos no CRAA existe uma receção e um espaço *open space* com uma sala ampla onde se encontram todos os materiais de cinesioterapia ativos, uma passadeira terrestre da medicina veterinária, duas passadeiras subaquáticas (*Underwater Treadmill*) e à direita uma sala para secagem dos pacientes que são divididos depois por quatro secções. Na secção A encontram-se equipamentos para as modalidades de reabilitação, com dois aparelhos de ultrassons de 1 MHz e 3 MHz; dois aparelhos de eletromioestimulação, cada um com dois canais; um laser clas-

se IIIB e um laser classe IV. Na secção B são realizados os métodos de reabilitação com massagens e alongamentos, sendo a secção C específica para o repouso de pacientes com mais de 20 Kg e a secção D um espaço de repouso para os pacientes com menos de 20 Kg. O Centro tem ainda diversos canis, um espaço reservado para gatos, com dois gatis amplos, podendo acomodar seis gatos no total.

Existe ainda uma sala preparada para a sedação e anestesia dos pacientes, e sempre temos uma média de 30 animais por dia que seja necessário limpezas cirúrgicas de ondas choque e de crioterapia pneumática intermitente, associada por uma divisória de vidro a um espaço preparado para os cuidados intensivos dos pacientes do CRAA, que inclui bomba de infusão, perfusora e um medidor multiparâmetros de parâmetros vitais. Ângela Martins destaca os aspetos diferenciados deste Centro: “Temos modalidades que permitem dar uma melhor qualidade de vida a animais que já a perderam. O nosso aparelho de ultrassons é mais potente do que o habitual e permite fazer vasodilata-

ção, bem como maneo de dor. Em simultâneo podemos fazer electromioestimulação, que também já existe no nosso país, mas cuja gama do nosso aparelho é também mais evoluída”. Isto permite que a própria modalidade e as correntes elétricas tenham uma ação mais bem conseguida. Estes aparelhos têm vários canais que permitem tratar vários animais num curto espaço de tempo. Por outro lado, os tratamentos são mais céleres. “Temos uma novidade que já existe em Portugal, através da Plurivet, que é o laser classe IV, que consegue penetrar com uma profundidade mais ampla indo até 987 na cinesioterapia e temos todo o circuito de cinesioterapia para aqueles que têm capacidade de executar movimentos voluntários”. A vantagem do CRAA passa por ter passadeiras terrestres com velocidades próprias e estudadas cientificamente para os pacientes com rolamentos adaptados aos mesmos. “Em simultâneo temos a hidroterapia possibilitada através de duas passadeiras subaquáticas, para reabilitar e aproximadamente 15 pacientes internados”, destaca.

Também é possível encontrarmos animais internados com cadeiras específicas para aqueles que não têm movimentos voluntários e para pacientes neurológicos. O CRAA tem uma parceria com o seu representante inglês e, em casos especiais, os proprietários podem adquirir a cadeira quando não há mais viabilidade de reabilitação. “Até hoje só tivemos um caso de um animal com 14 anos e que foi operado a várias hérnias disciais. Durante o pós-cirúrgico esteve muito mal, entrou em choque séptico, tendo de ficar du-





rante quatro semanas nos cuidados intensivos. Tem movimentos autónomos e sensibilidade profunda mas, para conseguir ter uma função de independência teria de realizar um treino muito agressivo, o que a hemodinâmica do cão já não permitia. Com uma ajuda da nossa parte, do representante da cadeira e a vontade dos proprietários conseguiu-se a sua aquisição e este animal é hoje muito mais feliz".

Uma das particularidades do CRAA passa por um serviço diferenciador possibilitado por um circuito de câmara onde os proprietários podem ver os seus animais em período de descanso. "Muitos dos animais que recebemos são de longe e os proprietários não têm possibilidade de os trazer diariamente, nem de os visitar com a regularidade que gostariam. Existem ainda condições médicas que não permitem a situação do ambulatório, pelo que temos de possibilitar uma melhor alternativa para que os animais não sejam prejudicados no seu tratamento", salienta a diretora clínica. Esta possibilidade não está disponível nas zonas de tratamento, apenas nas zonas de repouso, de forma a preservar a privacidade dos profissionais e dos pacientes. Os treinos são intensivos e cada

animal trabalha a sua reabilitação funcional, em média, quatro a oito vezes por dia. "Cada treino tem a duração aproximada de meia hora. Tal exigência faz com que alguns donos de animais, mesmo aqueles que vivam perto do Centro, prefiram deixá-los em internamento. Temos um esquema adaptado a cada animal consoante as suas patologias e características". A hora das visitas é das 10h00 às 19h00 todos os dias, excetuando aos Domingos que funciona das 14h00 às 16h00. "Temos um conceito liberal em que permitimos que os proprietários visitem os seus animais mesmo durante o decorrer de algumas terapias, podendo as visitas funcionar como estímulo aos tratamentos", sublinha Ângela Martins.

A importância da formação

Em paralelo com o espaço CRAA, está em fase de arranque um outro projeto – Centro de Homem Académico (CHA) – destinado à formação a médicos veterinários, enfermeiros veterinários e a outros técnicos de Medicina Veterinária. "O objetivo passa por possibilitar cursos não dispendiosos para os profissionais que queiram ter oportunidade de aprender e conhecer um pouco melhor esta especiali-

dade", explica a diretora clínica. A ideia passa por permitir que os formandos tenham uma componente prática, algo que Ângela Martins sentiu como uma lacuna nos cursos que frequentou no estrangeiro, por serem demasiado teóricos. "As práticas nestes cursos são muito reduzidas e realizadas em animais saudáveis. Estudar a contração muscular e perceber um músculo espástico num paciente que não o tem e que não sente dor é muito difícil. Há uma arte manual que também é exigida ao reabilitador. Por esse motivo pretendemos que as pessoas venham ao CHA ter a parte teórica e que se dispersem depois pelo CRAA para aplicar a parte prática com pacientes que precisam de reabilitação, com a devida supervisão de um membro da equipa e o consentimento informado dos seus proprietários. Formamos pessoas, reabilitamos animais e queremos demonstrar como chegaram até nós e como

saem do Centro, ou seja, mostramos a sua evolução". É também frequente que os casos clínicos sejam uma referência em universidades e empresas fora de Portugal. Por outro lado, e muito recentemente, a Universidade do Tennessee contactou o CRAA solicitando que o mesmo receba alunos para realizar formação prática no Centro. "Consideram que o CRAA tem qualidade e uma formação de excelência para os seus alunos. Esta especialidade tem muito de humanidade. Reabilitar implica perder muitas horas a estudar, a comparar casos clínicos, a praticar e todos os dias se descobre que não se sabe. Há que continuar a ir para fora, a investir e a frequentar cursos de formação", reforça Ângela Martins.

alargar a reabilitação a todo o país

A diretora clínica do CRAA considera que, em todos os CAMV, é possível ter um centro de reabilitação com um investimento relativamente pequeno e com um trabalho em conjunto. Defende que a reabilitação é essencial no pós-cirúrgico imediato como complemento da Medicina Convencional. "Há que dar a conhecer todas as alternativas aos proprietários e deixá-lo escolher. Muitas vezes, achamos que os proprietários não querem optar por determinado tratamento, mas ao explicarmos e possibilitarmos as informações corretas estes terão oportunidade de optar pelo que será melhor para os seus animais de companhia". Considera que quanto mais centros de reabilitação funcional abrirem pelo país e pela Europa "melhor tratamento será dado a estes animais". O CRAA quer distinguir-se pela diferenciação, mas não quer ser exclusivo. "Haverá sempre mercado. Gostaríamos que este conceito fosse implementado em mais locais no nosso país para bem de todos: profissionais, proprietários e pacientes. Há que acreditar na reabilitação como uma especialidade que dá gratificação, satisfação pessoal e aquilo para o qual muitos de nós viemos para a especialidade e que passa por manter o animal vivo e com boa qualidade de vida", conclui Ângela Martins.



Ângela Martins acumula a direção do Hospital Veterinário da Arrábida com o Centro de Reabilitação Animal